PARENÉTICA E PROFISSÃO DE RELIGIOSAS EM SEISCENTOS: A GLORIFICAÇÃO DA VIDA FORA DO SÉCULO

PREACHING AND RELIGIOUS PROFESSION IN THE SEVENTEENTH CENTURY: LIFE OUTSIDE THE GLORIFICATION OF THE CENTURY.

PREDICAR Y PROFESIÓN DE RELIGIOSAS EN SEISCIENTOS: LA GLORIFICACIÓN DE LA VIDA FUERA DEL SIGLO

Isabel M. R. Mendes Drumond Braga[1]

"as almas religiosas não somente hão-de sacrificar o mundo mas hão também de sacrificar as lembranças do mundo"[2]. (ASCENSÃO, 1672, p. 8)

"uma alma religiosa, que se consagra a Deus, não tem um só nascimento, porque duas vezes nasce e duas vezes morre"[3]. (LAMBERTO, 1691, p. 7)

Resumo: Os sermões têm sido estudados em perspectivas diversificadas, nomeadamente do ponto de vista da literatura e na óptica da história. Sobre a matéria produzida no século XVII, pretende avaliar-se de que modo os pregadores entenderam a profissão no feminino e que propósitos serviram 7 sermões proferidos nesta época, em Portugal. Sendo o estado religioso considerado superior aos de solteira, casada ou viúva, isto é, sendo a virgindade e a castidade revalorizadas no Concílio de Trento, parece plausível que o abandono voluntário do século fosse objecto de exaltação por parte de leigos e de eclesiásticos. Neste contexto, a parenética em análise passa pelo louvor dos votos feitos pelas religiosas e pelo regozijo que estas deveriam sentir em deixar o mundo. A exaltação das diferentes ordens e dos conventos em que ingressaram e as reflexões acerca dos nomes que adoptaram estiveram igualmente presentes. Estas temáticas abordadas pelos pregadores foram sintetizadas por frei Jorge de Carvalho, durante a profissão de Soror Ana Maria, quando anunciou o que se podia esperar do seu sermão: "os

[1] Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. isabeldrumondbraga@hotmail.com

[2] D. Luís da Ascensão, Sermão na Profissão de uma Religiosa de S. Bento, Coimbra, Oficina de José Pereira, 1672, p. 8.

[3] Luís Lamberto, Sermam que pregou…da Ordem dos Pregadores na Profissão da Madre Soror Ignes de S. Joseph, Religiosa no Mosteiro do Sacramento de Lisboa, Lisboa, Impressão de Bernardo da Costa de Carvalho, 1691, p. 7.

louvores de Santa Ana, os votos da nossa professa, as grandezas do sacramento, as excelências das religiosas que a recebem, do padre São Francisco que a admite e da juíza que a festeja. Vá cada um tomando o que lhe couber do banquete, que como o juízo reparte as iguarias, o entendimento as receba".Assim, pretende avaliar-se de que modo os pregadores entenderam a profissão no feminino e que propósitos serviram estes sermões. Os sete sermões em estudo foram publicados entre 1664 e 1699.

Palavras-chave: Feminino, Sermonística, Século XVII.

Abstract: Sermons have been studied in diverse perspectives, particularly from the point of view of literature and history. On the matter produced in the seventeenth century, aims to assess how the preachers understood the profession in face of women and female purposes. Seven sermons were delivered at this time in Portugal about this issue. Being the religious state considered superior to those of single, married or widowed, ie, virginity and chastity being revalued at the Council of Trent, it seems plausible that the voluntary abandonment of the century was the subject of exaltation on the part of lay and ecclesiastical. In this context, the analysis goes through sermonistic in praise of the religious vows and the joy that they should feel about leaving the world. The exaltation of different orders and convents they joined and reflections about the names adopted were also present. These themes addressed by preachers were synthesized by Fray Jorge de Carvalho, during the occupation of Sister Ana Maria.We intend to evaluate how the preachers understood the profession and the women who served these purposes sermons. The seven sermons in the study were published between 1664 and 1699.

Keywords: Female, sermonistic, XVII century.

Resumen: Los sermones tienen sido estudiados en perspectivas diversificadas, nombradamente del punto de vista de la literatura y en la óptica de la historia. Sobre la materia producida en el siglo XVII, pretende valorarse de qué modo los predicadores entendieron la profesión en el femenino y que propósitos sirvieron 7 sermones proferidos en esta época, en Portugal. Siendo el estado religioso considerado superior a los de soltera, casada o viuda, esto es, siendo la virginidad y la castidad revalorizadas en el Concilio de Trento, parece plausible que el abandono voluntario del siglo fuese objeto de exaltación por parte de legos y de eclesiásticos. En este contexto, la predicación en análisis pasa por la alabanza de los votos hechos por las religiosas y por el regocijo que estas deberían sentir en dejar el mundo. La exaltación de las diferentes órdenes y de los conventos en que ingresaron y las reflexiones con respeto a nombres que adoptaron estuvieron igualmente presentes. Estas temáticas abordadas por los predicadores fueron sintetizadas por fray Jorge de Carvalho, durante la profesión de Sóror Ana María, cuando anunció lo que se podría esperar de su sermón: "las alabanzas de Santa Ana, los votos de nuestra profesora, las grandezas del sacramento, las excelencias de las religiosas que la receben, del sacerdote Sano Francisco que la admite y de la jueza que la festeja. Va cada un tomando lo que caberle del

banquete, que como el juez reparte las iguarias, el entendimiento las reciba". Así, pretende evaluarse de qué modo los predicadores entendieron la profesión en el femenino y que propósitos sirvieron estos sermones. Los siete sermones en estudio fueron publicados entre 1664 y 1699.

Palabras-clave: Femenino, Sermonistica, Siglo XVII.

1. Sendo a palavra oral um meio privilegiado de contacto entre as pessoas, torna-se claro que os sermões ganharam relevo durante as Épocas Medieval e Moderna, quando a maioria da população era analfabeta. Em particular, depois do Concílio de Trento, as autoridades eclesiásticas investiram na formação, vigilância e castigo dos pregadores que prevaricavam, o que deve ser contextualizado no âmbito do novo impulso pastoral da Igreja. Através da difusão de sermonários e de catecismos visou-se assegurar as condições mínimas para o exercício do púlpito de acordo com a ortodoxia doutrinal, sendo de salientar, no âmbito português, o Catecismo ou Doutrina Christã (1564), de D. frei Bartolomeu dos Mártires. Em outras paragens, as Instructiones praedicationis verbi (1576), da autoria de Carlos Borromeu, arcebispo de Milão,e a obra de Ricci, Geroglofici morali (1626), publicada em Nápoles, foram particularmente relevantes[4]. Estes, e outros textos, acabavam por extravasar as fronteiras dos arcebispados em que foram produzidos. Refiram-se igualmente, para o século XVII português, os compêndios de oratória sacra, as biografias de pregadores e diversas obras destinadas ao ensino da doutrina que facilitavam o exercício da pregação, tais como e de entre outras, a de Francisco Saraiva de Sousa intitulada Báculo Pastoral (1624) e a de Manuel da Fonseca, denominada Silva Moral e Histórica (1696)[5].

Recorde-se que as homilias, as missões do interior, as exéquias, as acções de graças, os panegíricos dos santos e da Virgem, as canonizações, os aniversários da fundação de casas conventuais, as tomadas de hábito, os autos da fé, as procissões de resgate de cativos e bem assim todas as festas

[4] Sobre estas questões, cf. Genoveffa Palumbo, "L'Uso delle Immagini. Libri di Santi, Libri per Predicatori, Libretti di Dottrina dopo il Concilio di Trento", I Tempi del Concilio. Religione, Cultura e Società nell'Europa Tridentina, direcção de Cesare Mozzarelli e Danilo Zardin, Roma, Bulzoni Editore, 1997, p. 359; Federico Palomo, Fazer dos Campos Escolas Excelentes. Os Jesuítas de Évora e as Missões do Interior em Portugal (1551-1630), Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, Fundação para a Ciência e Tecnologia, 2003, p. 295. Reflexões acerca da temática para França, podem ser vistas in Marc Venard, "La Culture des Prêtes en France à l'Époque Moderne (XVI^{e}-XVIII^{e} siècles)", Pastori, Pope, Preti, Rabbini. La Formazione del Ministro di Culto in Europa (secoli XVI-XIX), coordenação de Maurizio Sangalli, Roma, Carocci Editore, 2005, pp. 109-124.

[5] João Francisco Marques, "Oratória Sacra ou Parenética", Dicionário de História Religiosa de Portugal, direcção de Carlos Moreira Azevedo, vol. 4, Lisboa, Universidade Católica Portuguesa, Centro de Estudos de História Religiosa, 2001, pp. 471-510; Federico Palomo, A Contra-Reforma em Portugal. 1540-1700, Lisboa, Livros Horizonte, 2006, p. 79.

religiosas e litúrgicas davam origem a sermões, o que explica a abundância deste tipo de textos, muitos dos quais tiveram honras de impressão, em especial durante os séculos XVII e XVIII[6], o que não deve fazer esquecer a significativa, abundante e muito dispersa produção concionatória manuscrita.

Como o sermão era frequente, e até mesmo uma prática banal, perorar no ambo implicava o controlo dos superiores, nomeadamente dos bispos, que através das constituições diocesanas, de provisões e de cartas pastorais, regulamentavam as características da pregação e as qualidades dos pregadores, não deixando de proceder ao exame, à vigilância e até ao castigo dos mesmos, numa dinâmica variável no tempo, no espaço e dependente da actuação de cada antístite, particularmente mais activa após o Concílio de Trento[7]. Apesar das preocupações e das exigências com a formação dos pregadores, da vigilância exercida sobre os mesmos e até do castigo de alguns prevaricadores e, não obstante, a regulamentação das matérias e das formas de levar a efeito a parénese, incluindo as indicações sobre as fontes autorizadas – as Sagradas Escrituras, os comentários bíblicos, os Padres da Igreja e alguns textos de espiritualidade – e tudo o que deveria ser obrigatoriamente banido – anedotas, fábulas, historietas humanas e até disputas sobre heresias

[6] Veja-se a lista dos sermões impressos entre 1619 e 1716 estabelecida por Maria de Lourdes Belchior Pontes, A Oratória Sacra em Portugal no século XVII, segundo o Manuscrito 362 da Biblioteca Nacional de Lisboa, Coimbra, [s.n.], 1961. Era comum a publicação de sermões, quer avulsos quer em conjunto, o que poderia traduzir não só o interesse por este tipo de textos entre a população culta como, e sobretudo, ser entendido como sintoma de crise e de alteração política. Por outro lado, essas publicações, de custo acessível, não deixavam de ser procuradas pelos próprios pregadores que assim se muniam de exemplos de fácil imitação. Se tivermos em conta os anúncios de livros aparecidos na Gazeta de Lisboa, entre 1715 e 1750, podemos verificar que das 2094 obras a que o periódico fez referência 224 eram sermões (entre espécimes avulsos e sermonários), o que representou 18,3 % dos livros de temática religiosa e 10,7 % do total das obras publicitadas. Cf., respectivamente, João Francisco Marques, "Lisboa Religiosa na Segunda Metade do século XVII", Bento Coelho e a Cultura do seu Tempo. 1620-1708, Lisboa, Ministério da Cultura, Instituto Português do Património Arquitectónico, 1998, p. 162 e Isabel M. R. Mendes Drumond Braga, "As Realidades Culturais", Portugal da Paz da Restauração ao Ouro do Brasil, coordenação de Avelino de Freitas de Meneses (= Nova História de Portugal, direcção de Joel Serrão e A. H. de Oliveira Marques, vol. 7), Lisboa, Presença, 2001, pp. 465-565.

[7] Sobre estas questões, cf. João Francisco Marques, "Oratória Sacra ou Parenética", Dicionário de História Religiosa […], pp. 484-485; Federico Palomo, Fazer dos Campos Escolas Excelentes […], p. 294; Patrícia Ferreira dos Santos, Poder e Palavra: Discursos, Contendas e Direito de Padroado em Mariana (1748-1764), São Paulo, Dissertação de Mestrado em História Social apresentada ao Departamento de História da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, 2007, pp. 160-172; José Pedro Paiva, "Episcopado e Pregação no Portugal Moderno. Formas de Actuação e de Vigilância", Via Spiritus, vol. 16, Porto, 2009, pp. 9-43; Pollyana Gouveia Mendonça, Parochos Imperfeitos: Justiça Eclesiástica e Desvios do Clero no Maranhão Colonial, Niterói, Tese de Doutoramento em História apresentada ao Programa de Pós Graduação em História da Universidade Federal Fluminense, 2011; pp. 283-291.

mesmo que com o fim de as combater[8] – as fontes indiciam interpretações claras e interpretações erróneas por parte dos fiéis, muitas vezes bastante ignorantes mas nem sempre isentos de alguma argúcia intelectual[9].

2. Os sermões têm sido estudados em perspectivas diversificadas, nomeadamente do ponto de vista da literatura e na óptica da história. Para nos limitarmos aos estudos sobre a matéria produzida no século XVII, pensemos em autores como Maria de Lurdes Belchior Pontes, Aníbal Pinto de Castro e todos os que se empregaram no estudo do padre António Vieira, na sua faceta de pregador[10]. A primeira autora dedicou-se ao levantamento dos sermões seiscentistas[11] e ao estudo da parenética do exacerbado frei António das Chagas[12], enquanto o segundo optou pela teorização da produção literária barroca[13]. Por seu lado, João Francisco Marques entregou-se ao estudo das peças oratórias produzidas durante o período dos Filipes (1580-1640)[14], nas quais alguns pregadores fizeram criticas veladas à governação filipina e, em trabalho de maior envergadura, aos sermões publicados durante o período da Restauração[15], os quais ajudaram a consolidar a nova situação política, no contexto da afirmação da independência portuguesa. Ou seja, neste tipo de parénese esteve em causa o recurso ao ambo como arma política[16]. Noutra perspectiva, os sermões pregados por ocasião de diferentes efemé-

[8] Sobre estas questões, João Francisco Marques, "Oratória Sacra ou Parenética", Dicionário de História Religiosa […], p. 486.

[9] Paulo Drumond Braga, A Inquisição nos Açores, Ponta Delgada, Instituto Cultural de Ponta Delgada, 1997, p. 327; João Francisco Marques, "Oratória Sacra ou Parenética", Dicionário de História Religiosa […], p. 488; José Pedro Paiva, "Episcopado e Pregação no Portugal Moderno […]", pp. 42-43.

[10] Realce para a obra de Margarida Vieira Mendes, A Oratória Barroca de Vieira, Lisboa, Caminho, 1989. Cf. a extensa bibliografia publicada acerca deste jesuíta in Padre António Vieira, 1608-1697. Bibliografia, coordenação de José Pedro Paiva, Lisboa, Biblioteca Nacional, 1999 e Padre António Vieira. Bibliografia 1998-2008, coordenação de Jorge Couto, Lisboa, Biblioteca Nacional, 2009.

[11] Maria de Lourdes Belchior Pontes, A Oratória Sacra em Portugal […].

[12] Maria de Lourdes Belchior Pontes, Frei António das Chagas. Um Homem e um Estilo do século XVII, Lisboa, Centro de Estudos Filológicos, 1953.

[13] Aníbal Pinto de Castro, Retórica e Teorização Literária em Portugal. Do Humanismo ao Neoclassicismo, Coimbra, Centro de Estudos Românicos, 1973.

[14] João Francisco Marques, A Parenética Portuguesa e a Dominação Filipina, Porto, Instituto Nacional de Investigação Científica, 1986.

[15] João Francisco Marques, A Parenética Portuguesa e a Restauração 1640-1668, 2 vols, Porto, Instituto Nacional de Investigação Científica, 1989.

[16] Sobre esta questão são de reter as observações de Federico Palomo: "o recurso à pregação como arma política evidencia o ascendente que ela podia exercer sobre as populações, criando consensos de diferente natureza. Todavia, o debate em termos da res publica embora fosse relativamente habitual, não foi o objectivo principal desta actividade orientada, sobretudo, para a difusão dos princípios doutrinais e morais da Igreja". Cf. A Contra-Reforma em Portugal […], p. 78.

rides afectas à família real – nascimentos, casamentos, aniversários, doenças e mortes – apresentam importantes informações, quer biográficas quer ao nível da representação, funcionando como instrumentos de carácter político. Ora, para parte da Época Moderna, tais temáticas já tiveram cultores[17]. Recordemos um sermão específico após a morte de Filipe III que deu origem a um artigo de Francis Cerdan[18], as peças parenéticas pregadas após as mortes das consortes dos Filipes estudadas por Ana Isabel López-Salazar[19], e os sermões pregados por ocasião das exéquias da família real ocorridas durante os reinados de D. João IV, D. Afonso VI e D. Pedro II, que deram origem a uma dissertação de Mestrado da autoria de Euclides dos Santos Griné[20]. Outros sermões motivados por acontecimentos importantes para a família real foram igualmente objecto de atenção, pensemos, por exemplo, nos que se referiram à Rainha D. Maria Francisca Isabel de Sabóia[21]. Autos da fé[22]

[17] Sobre a oratória fúnebre em outros espaços europeus, cf., por exemplo, Romano Allemano, Oratori Sacri del Seicento. Antologia di Temi e di Motivi dell'Eloquenza Religiosa Barroca, Turim, Tesi di Laura in Litteratura Italiana, Università degli Studi di Torino, Facultà di Lettere e Filosofia, 1968, pp. 423-433; Bruno Petey-Girard, "Parler des Morts, Parler de Soi. Remarques sur la Place du Sujet dans les Harangues Funèbres", De Bonne Vie s'Ensuit Bonne Mort. Récits de Mort, Récits de Vie en Europe (XV[e]- XVII[e] siècle), direcção de Patricia Eichel-Lojkine, Paris, Honoré Champion, 2006, pp. 169-182 ; Jeanne Shami, "Women and Sermons", The Oxford Handbook of the Early Modern Sermon, direcção de Peter McCullought, Hugh Adlington e Emma Rhatigan, Oxford, Oxford University Press, 2011, pp. 155-177.

[18] Francis Cerdan, "L'Oraison Funébre du Roi Phillipe II de Portugal (Philippe III d'Espagne) par Frei Baltasar Paez en 1621", Arquivos do Centro Cultural Português, vol. 31, Lisboa, Paris, 1992, pp. 151-170.

[19] Ana Isabel López-Salazar, " 'May de Lisboa e dos Portuguezes Todos'. Imágens de Reinas en el Portugal de los Felipes", Las Relaciones Discretas entre las Monarquias Hispana y Portuguesa: La Casa de Las Reinas (siglos XV-XIX), direcção de José Martínez Millán e Maria Paula Marçal Lourenço, vol. 3, Madrid, Polifemo, 2008, pp. 1749-1776.

[20] Euclides dos Santos Griné, A Construção da Imagem Pública do Rei e da Família Real em Tempo de Luto (1649-1709), Coimbra, Dissertação de Mestrado em História Moderna apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, 1997.

[21] Isabel M. R. Mendes Drumond Braga, Paulo Drumond Braga, Duas Rainhas em Tempo de Novos Equilíbrios Europeus. Maria Francisca Isabel de Saboia. Maria Sofia Isabel de Neuburg, [Lisboa], Círculo de Leitores, 2011.

[22] Edward Glaser, "Portuguese Sermons at Autos-da-Fé: Introduction and Bibliography", Studies in Bibliography and Booklore, vol. 2, n.º 2, Cincinnati, 1955, pp. 53-96; Idem, "Invitation to Intolerance. A Study of the Portuguese Sermons Preached at Autos-da-Fé", Hebrew Union College Annual, vol. 27, Filadelfia, 1956, pp. 327-385; Maria Lucília Gonçalves Pires, "Sermões de Auto-da-Fé. Evolução de Códigos Parenéticos", Inquisição. Comunicações apresentadas ao Primeiro Congresso Luso-Brasileiro sobre Inquisição, coordenação de Maria Helena Carvalho dos Santos, vol. 1, Lisboa, Sociedade Portuguesa de Estudos do Século XVIII, Universitária Editora, 1989, pp. 267-276 (também publicado in Xadrez de Palavras. Estudos de Literatura Barroca, Lisboa, Cosmos, 1996, pp. 131-141); Idem, "Alteridade e Conversão. Retórica dos Sermões de Auto da Fé", Xadrez de Palavras. Estudos de Literatura Barroca, Lisboa, Cosmos, 1996, pp. 119-129; Francisco Bethencourt, História das Inquisições. Portugal, Espanha e Itália, Lisboa, Temas e Debates, 1996, pp. 196-227; Joana Pinheiro de Almeida Tro-

e procissões de resgate de cativos[23] motivaram igualmente a pregação do verbo divino, permitindo análises e interpretações de teor diferenciado. Por seu lado, Federico Palomo estudou a pregação barroca realizada nas missões do interior no quadro das estratégias desenvolvidas no decurso daquelas realizações, pois o ministério da palavra, juntamente com a confissão e com o ensinamento dos rudimentos da doutrina, eram os meios utilizados pelos missionários para disciplinar e evangelizar as populações[24].

3. A parénese era diversificada e, consequentemente, servia vários propósitos. João Francisco Marques tipificou-a, considerando a pregação ordinária ou pastoral, de carácter pedagógico, dirigida à educação para a fé, que estava a cargo de bispos e párocos no exercício das suas actividades de pastores e que tinha como subgéneros o sermão catequético e o sermão homiliético e a pregação extraordinária que compreendia o sermão propriamente dito com os subgéneros: encomiástico (panegírico e oração fúnebre), deprecatório (prece), eucarístico (acção de graças) e gratulatório (regozijo)[25]. Neste texto, pretendemos proceder ao estudo de alguns sermões pregados, e posteriormente impressos[26], por ocasião da entrada em religião por parte de diversas mulheres, durante o século XVII.

Sendo o estado religioso considerado superior aos de solteira, casada ou viúva, isto é, sendo a virgindade e a castidade revalorizadas no Concílio de Trento, parece plausível que o abandono voluntário do século[27] fosse objecto de exaltação por parte de leigos e de eclesiásticos. Neste contexto, a parenética em análise passa pelo louvor dos votos feitos pelas religiosas e

ni, "Para o Estudo da Parenética Anti-Judaica: o Sermão do Auto da Fé de frei Filipe Moreira (Lisboa, 25 de Junho de 1645)", Olisipo, 2.ª série, n.º 26, Lisboa, 2007, pp. 7-13; José Pedro Paiva, Baluartes da Fé e da Disciplina. O Enlace entre a Inquisição e os Bispos em Portugal (1536-1750), Coimbra, Imprensa da Universidade de Coimbra, 2011, pp. 129, 183, 203-213, passim. Sobre este assunto para o espaço castelhano, cf. Consuelo Maqueda, El Auto de Fe, Madrid, Istmo, 1992, pp. 368-374; e para o espaço italiano, cf. Giovanni Romeo, "Predicazione e Inquisizione in Italia dal Concilio di Trento alla prima meta del Seicento", La Predicazione in Italia dopo il Concilio di Trento tra Cinquecento e Settecento, direcção de Giacomo Martina e Ugo Dovere, Roma, Edizioni Dehoniane, 1996, pp. 207-242.

[23] Isabel M. R. Mendes Drumond Braga, "Eloquência, Cativeiro e Glorificação. O Sermão de frei José de Santa Maria por ocasião do Resgate Geral de Cativos de 1655", Triunfos da Eloquência, coordenação de Maria Renata Duran, Niterói (Rio de Janeiro), Editora da UFF, 2012.

[24] Federico Palomo, Fazer dos Campos Escolas Excelentes […], pp. 293-298, passim.

[25] João Francisco Marques, "Oratória Sacra ou Parenética", Dicionário de História Religiosa […], p. 471.

[26] Este conjunto de fontes teve como base existências disponíveis da Biblioteca Nacional de Portugal e os sermões da nossa colecção.

[27] Sobre a entrada forçada, cf. Gabriella Zarri, Francesca Medioli, Paola Vismara Chiappa, "De Monialibus (secoli XVI-XVII-XVIII)", Rivista di Storia e Letteratura Religiosa, vol. 34, Florença, 1998, pp. 643-715.

pelo regozijo que estas deveriam sentir em deixar o mundo. A exaltação das diferentes ordens e dos conventos em que ingressaram e as reflexões acerca dos nomes que adoptaram estiveram igualmente presentes. Estas temáticas abordadas pelos pregadores foram sintetizadas por frei Jorge de Carvalho, durante a profissão de Soror Ana Maria, quando anunciou o que se podia esperar do seu sermão: "os louvores de Santa Ana, os votos da nossa professa, as grandezas do sacramento, as excelências das religiosas que a recebem, do padre São Francisco que a admite e da juíza que a festeja. Vá cada um tomando o que lhe couber do banquete, que como o juízo reparte as iguarias, o entendimento as receba"[28]. Assim, pretende avaliar-se de que modo os pregadores entenderam a profissão no feminino e que propósitos serviram estes sermões[29].

Os sete sermões em estudo foram publicados entre 1664 e 1699. São, tal como outras peças parenéticas, textos pequenos, de formato in 4.º, de 20 ou 24 páginas, com excepção de um que alcançou as 40. Apenas um tipógrafo editou o texto em duas colunas. A impressão dos sermões foi pouco cuidada, o papel era de baixa qualidade e as folhas de rosto apresentaram-se carregadas de letras de diversos tamanhos e tipos, tendo sido impressas apenas a preto. Os frontispícios chegaram a indicar os cargos e funções dos autores e até a quem o texto foi dedicado, como acontecia frequentemente na época. Na primeira página do texto, as capitais foram sempre decoradas. Quando sobejou algum espaço, no final da obra, foi a mesma ornamentada

[28]Frei Jorge de Carvalho, Sermam que pregou…em dia de Santa Anna, professando Soror Ana Maria. Esteve o Santíssimo Sacramento Manifesto, Coimbra, Tomé Carvalho, impressor da Universidade, 1672, p. 3.

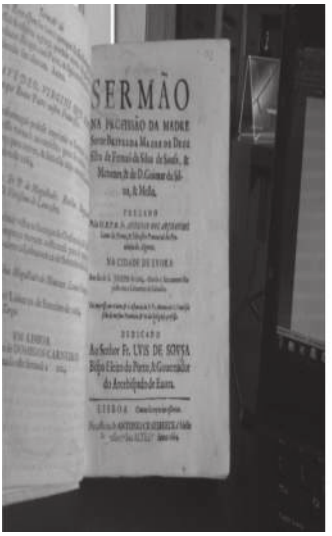
[29]Mais tarde, em 1759, Manuel da Epifania, referiu-se aos propósitos dos sermões pregados por ocasião das profissões de freiras, dissertando sobre alguns erros da autoria de pregadores pouco preparados. Depois de ter defendido que os mesmos não deveriam conter expressões em latim por serem "discursos familiares", considerou: "encomendam os parentes um sermão de profissão para uma filha da casa, que está para professar, e logo dizem ao orador que as circunstâncias são o chamar-se a noviça no século Ana Vitória de Mendonça. O orador logo encontra no nome de Ana uma profecia da graça com que Deus a chamou para esposa sua, e no nome de Vitória trás logo desde o baptismo um sinal de vitória, que a professa havia de alcançar do mundo, sem advertir no quanto estas ideias se afastam da verdade, pois tem havido muitas Anas e Vitórias sem a graça da vocação para esposas e sem conseguirem vitórias contra o mundo corrompido. Passa logo o orador a fazer um elogio a respeito da família esclarecida da professa, para tudo isto procura nas divinas letras uma figura, na qual, segundo ele diz, se encontram todas estas qualidades e com algumas alegorias intenta confirmar o que tem dito, mas por fim de tudo nem aquela alma fica instruída nem os ouvintes edificados e a oração, que deverá ser uma exortação na perseverança da vocação de Deus, que deverá propor os despenhos (sic) do mundo, que a professa deixou, e os bens da misericórdia, que se encontram pelos penosos exercícios da vida religiosa, converte-se em uma oração de vaidade, cheia de vozes, que não falam ao coração, aquela planta nova fica sem o orvalho da palavra de Deus que a faça dar frutos de santidade". Manuel da Epifania, Verdadeiro Methodo de Prégar, Lisboa, Oficina de António Vicente da Silva, 1759, pp. 29-30.

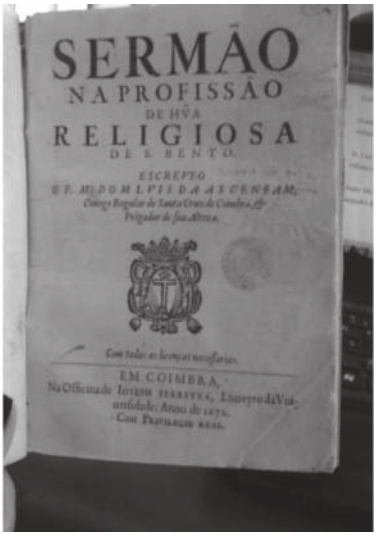
com um florão, tal como era comum durante os séculos XVII e XVIII[30]. Seis sermões foram publicados individualmente. Apenas um, o do padre jesuíta Diogo Lobo, foi incluído num sermonário intitulado Laurea Portugueza e Viridario de Varias Flores Evangelicas plantado por alguns Insígnes Pregadores. No caso do sermão pregado por frei António dos Arcanjos, sabe-se que a impressão foi feita por ordem e a instância do padre frei António de São Francisco, tio da religiosa que professara, enquanto a parénese de Jerónimo Ribeiro de Carvalho foi custeada por João Antunes, mercador de livros.

Quadro 1 - Pregadores e Dedicatórias dos Sermões

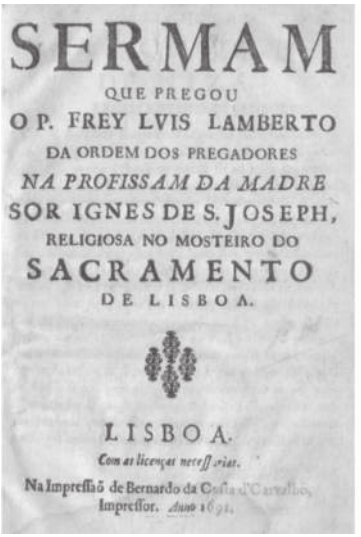
Pregador	Outros Cargos	Ordem	Data	Sermão Oferecido
Fr. António dos Arcanjos	Lente de prima e ministro provincial da província dos Algarves	São Francisco	1664	Frei Luís de Sousa, bispo do Porto e governador do arcebispado de Évora
Fr. Jorge de Carvalho	Doutor pela Universidade de Coimbra, Qualificador do Santo Ofício	São Bento	1672	-
D. Luís da Ascensão	Pregador de Sua Alteza, isto é do regente D. Pedro	Cónegos Regrantes de Santo Agostinho	1672	-
Jerónimo Ribeiro de Carvalho	Chantre da sé de Coimbra	Hábito de São Pedro	1675	-
Diogo Lobo	Pregador régio	Companhia de Jesus	1687	-
Frei Luís Lamberto	Capelão	São Domingos	1691	Marqueses de Niza, isto é, D. Francisco Luís da Gama e D. Brites Mascarenhas de Vilhena
Manuel de São Plácido	Pregador jubilado	São Francisco	1699	Coronel António da Silva Pimentel

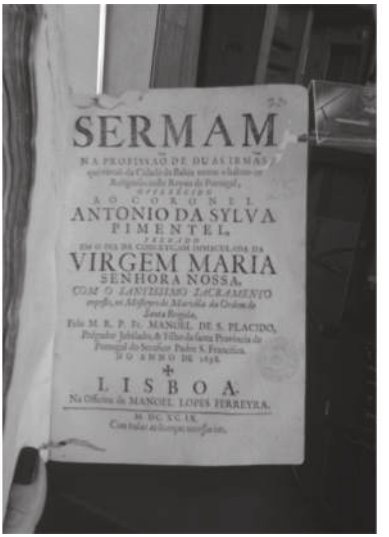
[30]Maria Emília Lavoura, "O Suro do Livro Impresso", Tesouros da Biblioteca Nacional, Lisboa, Edições Inapa, 1992, pp. 204-205; Maria Isabel Faria, Maria da Graça Pericão, Dicionário do Livro. Da Escrita ao Livro Electrónico, Coimbra, Almedina, 2008.





Figs 1 e 2 – Frontispícios de sermões pregados por ocasião de profissão de freiras.

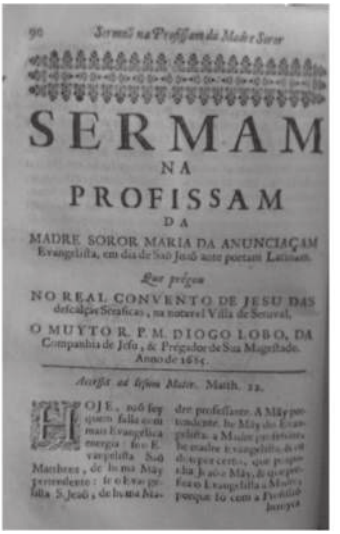




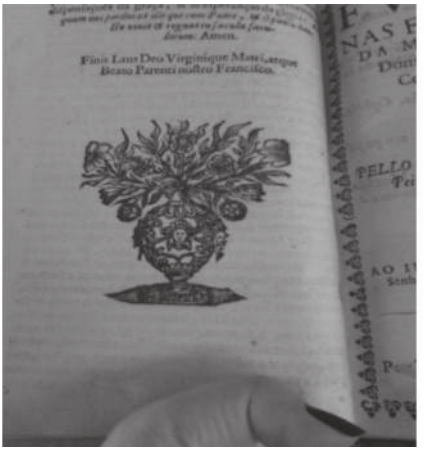
Figs 3 e 4 – Frontispícios de sermões pregados por ocasião de profissão de freiras.

Figs 5 e 6 – Frontispício do sermonário onde se encontra a peça parenética do padre jesuíta Diogo Lobo e primeira página do sermão.





Figs 6 e 7 – Florões de encerramento de página nos sermões de frei António dos Arcanjos e do padre Diogo Lobo.





Não se verificou, com excepção de um caso, uma relação entre a ordem a que pertencia o pregador e a ordem em que professava a religiosa. Embora o conjunto em análise seja muitíssimo limitado para se extraírem conclusões gerais, pode afirmar-se que, em relação aos sermões em estudo,

a variedade imperou sobretudo entre os autores: beneditinos, crúzios, dominicanos, franciscanos, jesuítas e sacerdotes do hábito de São Pedro, isto é clérigos seculares, face a clarissas, beneditinas e brígidas ou inglesinhas, formas populares de designar a ordem de Santíssimo Salvador. Variados foram também os locais de pregação: Évora, Lisboa, Marvila, Semide e Setúbal. Os sete sermões referiram-se a oito entradas em religião pois, no caso do que foi pregado pelo franciscano Manuel de São Plácido, no convento de Nossa Senhora da Conceição, de Marvila, em 1698, e impresso no ano seguinte, o motivo foi a profissão de duas irmãs, provenientes da Baía, cujos nomes não foram indicados pelo pregador[31].

Quadro 2

Ordens dos Pregadores e das Religiosas

Pregador			Casa Religiosa	Ordem
António dos Arcanjos (Fr.)			Convento do Salvador, de Évora	Santa Clara
Diogo Lobo	Companhia de Jesus	Madre Soror Maria da Anunciação	Ordem	Freira
Jerónimo Ribeiro de Carvalho	Hábito de São Pedro	Soror Maria do Salvador	São Francisco	Madre Soror Brites da Madre de Deus
Jorge de Carvalho (Fr.)	São Bento	Soror Ana Maria	Convento de Santa Ana, de Coimbra	Santa Clara
Luís da Ascensão (D.)	Cónegos Regrantes de Santo Agostinho	Soror Maria do Espírito Santo	Mosteiro de Santa Maria, de Semide	São Bento
Luís Lamberto (Frei)	São Domingos	Madre Soror Inês de São José	Convento do Sacramento, de Lisboa	São Domingos

[31] O cruzamento dos nomes das freiras e monjas referidas nos sermões com a documentação dos respectivos conventos e mosteiros sobre profissões, dotes e filiações permitirá um conhecimento mais completo destas mulheres que deixaram o século e pode revelar-se uma via interessante para um melhor e mais aprofundado conhecimento da vida religiosa, perspectiva que não foi explorada no âmbito desta investigação.

Pregador			Casa Religiosa	Ordem
Manuel de São Plácido	São Francisco	Duas irmãs vindas da Baía	Convento de Nossa Senhora da Conceição, de Marvila	São Salvador

Nem sempre a população religiosa que integrava conventos e mosteiros tinha vocação para se dedicar a uma vida abnegada, de oração e retiro do mundo. Ingressar numa casa religiosa podia ser o resultado de pressões familiares e de estratégias patrimoniais, de tal modo que conventos e mosteiros, além de constituírem oportunidades para filhas segundas da nobreza, a quem não fora possível casar, e de integrarem mulheres de outros grupos sociais de acordo com as exigências de cada estabelecimento[32], eram, para certas mulheres de então, locais de educação na juventude, espaços de retiro espiritual durante o casamento e refúgio temporário ou definitivo na viuvez[33], apesar das directrizes tridentinas limitaram cada vez mais estas situações, reguladas posteriormente pelos Papas Gregório XIII, Paulo V e Clemente X, em 1575, 1612 e 1676, respectivamente[34]. Porém, os problemas mais signi-

[32] Sobre conventos e mosteiros femininos em Portugal, cf. Maria Eugénia Mata Fernandes, O Mosteiro de Santa Clara do Porto em meados do século XVIII (1730-80), Porto, Arquivo Histórico da Câmara Municipal do Porto, 1992; Eduarda Maria de Sousa Gomes, O Convento da Encarnação do Funchal. Subsídios para a sua História (1660-1777), Funchal, Centro de Estudos de História do Atlântico, 1995; Cristina Maria André de Pina e Sousa, Saul António Gomes, Intimidade e Encanto. O Mosteiro Cisterciense de Santa Maria de Cós (Alcobaça), Leiria, Edições Magno, 1998; Maria Antónia Marques Fialho Costa Conde, Cister a Sul do Tejo. O Mosteiro de São Bento de Cástris e a Congregação Autónoma de Alcobaça (1567-1776), Lisboa, Colibri, 2009; Maria Margarida Castro Neves Mascarenhas Caeiro, Maria Margarida Castro Neves Mascarenhas Caeiro, Clarissas em Portugal. A Província dos Algarves. Da Fundação à Extinção. Em busca de um Paradigma Religioso Feminino, Lisboa, Dissertação de Doutoramento em História e Teoria das Ideias apresentada à Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, 2006, pp. 343-355; Ricardo Manuel Alves Silva, Casar com Deus. Vivências Religiosas e Espirituais Femininas na Braga Moderna, Braga, Dissertação de Doutoramento em História da Idade Moderna apresentada à Universidade do Minho, 2011.

[33] Essa situação permitia o convívio entre mulheres de estados diversos. Scarlet Beauvalet-Boutouyrie, Etre Veuve sous l'Ancien Régime, Paris, Belin, 2001, p. 283 ; Mary Laven, Monache. Vivere in Convento nell'Età della Controriforma, tradução de Federico Barbierato, Milão, Il Mulino, 2004; Silvia Evangelisti, Nuns. A History of Convent Live 1450-1700, Oxford, Oxford University Press, 2007, pp. 25, passim; Sharon T. Strocchia, Nuns and Nunneries in Renaissance Florence, Baltimore, The John Hopkins University Press, 2009; Craig A. Monson, Nuns Behaving Badly. Tales of Music, Magic Art and Arson in the Convents of Italy, Chicago, Londres, The University of Chicago Press, 2010.

[34] Sobre esta questão, Gaetano Greco, "Monasteri ed Esperienze Religiose Femminili nella Toscana Moderna. Problemi ed Ipotesi di Ricerca", Nobildonne, Monache e Cavaliere dell'Ordine di Santo Stefano: Modelli e Strategia Femminili nella Vita Publica della Toscana Granducale, direcção de Marcella Aglietti, Pisa, Edizione ETS, 2009, pp. 140-142; Alessia Lirosi, I Mona-

ficativos dentro dos espaços conventuais eram ocasionados por freiras sem vocação e não pelas mulheres que ali ficavam apenas temporariamente[35].

Nos sermões de profissão de religiosas a ênfase foi colocada na escolha acertada, consequentemente digna de louvor, por parte destas mulheres, uma vez que o estado de religiosa era uma opção tão difícil quanto feliz, na perspectiva dos pregadores. Todos insistiram, naturalmente, na importância e no valor da profissão, entendida como um acto livre por parte das que a abraçavam. O jesuíta Diogo Lobo sistematizou a importância do momento, escrevendo: "é o dia único em que uma alma pelo que sacrifica se forma em racional vítima e pelo que vota se faz pessoa, se faz hóstia sagrada"[36]. Para o padre Jerónimo Ribeiro de Carvalho, todo a peça parenética se articulou com base nas dicotomias alegria / tristeza, esposa perdida / esposa achada e lucros mútuos e recíprocos interesses entre o divino esposo e a celestial esposa inerentes ao abandono do século e à entrada em religião. Simultaneamente, o pregador teceu encómios significativos à Ordem de Santa Clara e ao convento do Salvador, de Évora, destacando o cumprimento rigoroso dos votos que ali se praticaria. Assim, "estrela da manhã é esta esposa que hoje se desposa ocultando-se, escondendo-se no sagrado desta esclarecida religião de Clara aos olhos mundanos para ser vista dos olhos divinos. Todos os espíritos religiosos dão as costas ao mundo mas nem a todas as religiosas dá o mundo as costas. Nenhuma religiosa vê o mundo mas ainda algumas religiosas no mundo se deixam ver. Porém, neste convento de Clara Santa por mil títulos esclarecido por real, real por ilustre, ilustre porque assombro da maior modéstia, portento da maior clausura, sacrário da maior religião, protótipo da maior virtude. Regra de maior perfeição não há esta esposa de ver nem há-de ser vista e porque lhe hão-de faltar as vistas por isso não hão--de ver nela faltas porque ainda que de pardo vestida, sempre há-de ser clara esta esposa. Acrescento que antes lhe hão-de sobejar as perfeições porque lhe faltam as vistas, de qualidades que as suas nunca vistas perfeições consistem em nunca serem vistas perfeições de uma esposa de Deus"[37].

steri Femminili a Roma nell'Età della Controriforma: Insechiamenti Urbani e Reti di Potere (secc. XVI-XVII), Roma, Dottorato di Ricerca in Società, Politica e Culture del Medioevo all'Età Contemporanea, Università Roma-La Sapienza, 2010, pp. 426-433; Marina Caffiero, Legami Pericolosi. Ebrei e Cristiani tra Eresia, Libri Proibiti e Stregoneria, Turim, Einaudi, 2012, p. 193.

[35]Isabel M. R. Mendes Drumond Braga, "Vaidades nos Conventos Femininos ou das Dificuldades em deixar a Vida Mundana (séculos XVII-XVIII)", Revista de História da Sociedade e da Cultura, vol. 10, tomo 1, Coimbra, 2010, pp. 305-322. Também disponível on line em: <http://www.uc.pt/chsc/rhsc/rhsc_10>.

[36]Diogo Lobo, "Sermam na Profissam da Madre Soror Maria da Anunciaçam", Laurea Portugueza e Viridario de Varias Flores Evangelicas plantado por alguns Insignes Oradores Portuguezes, consagrado à melhor Planta do Ceo e Flor de Lisboa, S. Antonio, Lisboa, Oficina de Miguel Deslandes, 1687, fol. 108.

[37]Jerónimo Ribeiro de Carvalho, Sermam na Profissam de Soror Maria do Salvador pregou o

O franciscano Manuel de São Plácido, ao pregar durante a entrada em religião de duas irmãs provenientes do Brasil, salientou e comparou a profissão a um baptismo, a um novo baptismo, podendo mesmo as religiosas mudar de nome. Este acto permitiria obter, nas suas palavras, "uma regeneração nova", "com esta se segura melhor a bem-aventurança da glória"[38]. Sobre as que professaram e que empreenderam longa viagem marítima acompanhadas pelo progenitor, considerou, ocultando, contudo, os nomes que: "com a mais heroica resolução saíram das terras da América, deixando a ilustre e sempre leal cidade da Baia, que era a sua pátria, e em deixarem tal pátria, tal terra e tão excelente clima deixaram muito mais do que Abraão deixou porque Abraão deixou uma terra agreste, elas um clima saudável, Abraão deixou uma terra de misérias, elas um paraíso de delícias, Abraão uma terra de gente rude e grosseira, elas um sítio de sujeitos todo engenhosos e polidos; finalmente Abraão deixou uma terra de caldeus idólatras, onde o culto de Deus estava tão esquecido como desprezado e elas uma terra de católicos onde o culto e veneração dos templos, onde os dispêndios e obséquios ao sagrado podem competir com tudo o que nesta Corte se acha perfeito e generoso"[39].

A ideia de um duplo nascimento encontrou-se no sermão do dominicano frei Luís Lamberto, ao escrever: "uma alma religiosa, que se consagra a Deus, não tem um só nascimento, porque duas vezes nasce e outras duas vezes morre a alma religiosa. Nasce a primeira vez, e é vida natural, com que vive para o mundo, nasce a segunda vez, e é vida espiritual, com que vive para Deus; mas podendo ser desiguais os nascimentos na ventura, porque podem ser desiguais os planetas na influência, hoje vejo influir igualmente os planetas, igualmente a ventura em estos dois nascimentos"[40].

Doutor…, Coimbra, Viúva de Manuel de Carvalho, Impressora da Universidade, 1675, pp. 13-14.

[38]Manuel de São Plácido, Sermam na Profissão de duas Irmãs que vieram da Cidade da Bahia tomar o Habito de Religiosas neste Reyno de Portugal, Lisboa, Oficina de Manuel Lopes Ferreira, 1699, p. 7.

[39]Manuel de São Plácido, Sermam na Profissão de duas Irmãs […], p. 19. Note-se que no Brasil havia limitações à entrada de mulheres em religião de modo a incentivar os casamentos e aumentar o número de brancos residentes na colónia. Pelo contrário, os recolhimentos, onde as mulheres levavam vida conventual sem fazerem votos perpétuos, eram relativamente comuns e destinavam-se quer a órfãs, quer a casadas, quer a arrependidas. Cf. Maria Beatriz Nizza da Silva, "Conventos Femininos", Dicionário da História da Colonização Portuguesa no Brasil, Lisboa, Verbo, 1994, cols 213-215; Maria José Rosado Bunes, "Freiras no Brasil", História das Mulheres no Brasil, direcção de Mary del Priore, coordenação de textos de Carla Bassanezi, 3.ª edição, São Paulo, Contexto, 2000, pp. 483-490. Sobre os recolhimentos, Leila Mezan Algranti, Honradas e Devotas: Mulheres da Colônia. Condição Feminina nos Conventos do Sudeste do Brasil 1750-1822, 2.ª edição, Rio de Janeiro, Livraria de José Plympio Editora, 1999; Suely Creusa Cordeiro de Almeida, O Sexo Devoto. Normatização e Resistência Feminina no Império Português XVI-XVIII, Recife, Editora da UFPE, 2005.

[40]Luís Lamberto, Sermam que pregou […], p. 7.

Deixar o mundo era inequivocamente motivo de júbilo, para todos os pregadores. O crúzio D. Luís da Ascensão, entendeu ser dia de alegria "dia em que uma alma resoluta sobre entendida se desposa com Deus, oh que alegre dia! […] Os dias morais fá-los tristes ou alegres a morte ou o nascimento de Deus, é Deus o nosso sol e por ele se formam os nossos dias, assim como o sol no curso do dia para uns nasce e para outros morre, assim Deus no curso da vida para uns morre e para outros nasce, assim como o sol nascendo faz os dias alegres e morrendo faz os dias tristes, assim Deus morrendo faz os dias tristes e nascendo faz os dias alegres. E quando morre e quando nasce Deus? Perguntara eu agora. Fácil é a resposta: morre Deus pera nós quando não nos desposamos com ele e nasce pera nós quando ele se desposa connosco. Quando Deus morre pera nós é o dia em que o matrimónio se anula, oh que dia tão triste! Quando Deus nasce pera nós é o dia em que o matrimónio se contrai, oh que dia tão alegre!"[41]. O pregador considerou ainda que o momento da entrada em religião era dia de entendimento, isto é, de sábia decisão: "porque nele se acabou o mundo […] porque nele ressuscita uma alma à graça […], porque nele se abrasa uma alma em incêndios de amor […], porque nele vai uma estrela da terra para o céu […], porque deixadas as galas se veste hoje outro sol de negro […] porque nele se recolhe uma alma no estreito de uma clausura entre quatro paredes"[42]. Consequentemente, entendeu sobre o acto de professar: "esta é a grandeza, esta é a alegria deste grande e alegre dia. Grande pera a terra, alegre pera o céu, alegre para o céu pela resolução com que esta alma se desposa com Deus, grande pera a terra pelo desengano com que esta alma deixa o mundo"[43].

O franciscano frei António dos Arcanjos não destoou. Nos louvores ao acto aproveitou para tornar claro o papel apagado de quem professava que, definitivamente, deveria esquecer o mundo: "uma alma que se dedica a Deus pera morrer ao mundo deve morrer aos pensamentos mundanos que pera conservar os alentos da vida da graça é necessário morrer aos pensamentos da vida da natureza e pera fugir à confusão dos pensamentos é necessário que se negue à vista dos olhos […]. Não basta que uma religiosa não veja, porque também é necessário que uma religiosa se não deixe ver. Não basta que uma religiosa não veja com os seus olhos, pera que morra aos seus pensamentos. Pera se negar aos pensamentos, não basta só que não tenha uma religiosa olhos para ver, mas também importa que não seja vista de nenhuns olhos"[44]. Por seu lado, o dominicano frei Luís Lamberto equa-

[41] D. Luís da Ascensão, Sermão na Profissão de uma Religiosa de S. Bento, Coimbra, Oficina de José Pereira, 1672, pp. 3-4.

[42] D. Luís da Ascensão, Sermão na Profissão de uma Religiosa […], pp. 4-5.

[43] D. Luís da Ascensão, Sermão na Profissão de uma Religiosa […], p. 5.

[44] Frei António dos Arcanjos, Sermão na Profissão da Madre Soror Brites da Madre de Deus, filha de Fernão da Silva de Sousa e Meneses e de D. Guionar da Silva e Melo, Lisboa, Oficina

cionou o eventual sacrifício em deixar o mundo, concluindo que se deixava a saudade do passado, as adulações do presente e a esperança do futuro. Isto é, não se perdia nada de importante[45]. Afinal, para o pregador, os prazeres do mundo são "verdadeiros pesares porque levam ao inferno"[46]. Professar, morrer para a vida, era um acto inequivocamente positivo: "Vós sepultais formosura, quando Raquel não passou de sepultar desenganos; vós sepultais primavera, quando Raquel não passou de sepultar já outono, vós sepultais poucos anos, quando Raquel não passou de sepultar muitos dias; vós sepultais uma vida, quando Raquel não passou de sepultar uma morte"[47]. Esclareça-se que Soror Inês de São José, que então professava, contava 12 anos e entrara para o convento aos quatro[48].

Professar implicava o cumprimento de votos: castidade, obediência, pobreza e clausura. Os quais foram sempre lembrados e enaltecidos. Para o beneditino frei Jorge de Carvalho, os votos eram "o essencial da profissão". Em seguida comparou a castidade ao lírio, a obediência à pérola, a pobreza às redes e a clausura às grades, desenvolvendo cada um dos itens[49]. Por seu lado, o franciscano frei António dos Arcanjos, entendeu que "uma alma a quem Deus escolhe pera esposa sua fica trono de Deus no acto em que se desposa e pera lograr as excelências do trono há-de vestir as perfeições de sol que ao sol escolheu Deus pera trono […] pera ser sol uma alma a quem Deus desposa não basta a formosura é necessária a perfeição […]. Se na sepultura as vaidades do mundo se enterram ou devem enterrar as vaidades, a morte e a sepultura são dois extremos e se no dia da profissão quem tem a beleza de Raquel apura o extremo da morte, à vista do sacramento deve conformar o extremo da sepultura por crédito da vida a que se sujeita há-de morrer ao mundo e por dívida a Deus sacramentado que lhe assiste há-de sepultar-se a suas vaidades, que isto fez Raquel que vestiu a maior beleza que isto deve fazer quem veste a beleza de Raquel"[50].

Os votos e, em particular o de clausura, implicavam que monjas e freiras deveriam considerar-se mortas para o mundo e vivas somente para Cristo. A clausura tinha como finalidade manter a castidade perfeita, des-

de António Craesbeeck de Melo, 1664, pp. 9-10.

[45] Luís Lamberto, Sermam que pregou […], pp. 8-9.

[46] Luís Lamberto, Sermam que pregou […], p. 14.

[47] Luís Lamberto, Sermam que pregou […], p. 18.

[48] Sobre crianças que entram para os espaços conventuais, Irene Palombo, Il Sistema dei Monasteri Femminili in una Terra di Confine. La Diocesi di Sora, Aquino e Pontecorvo, Veneza, Dottorato di Ricerca in Storia Social Europea dal Medioevo all'Età Contemporanea, Università Ca'Foscari Venezia, 2009, p. 87.

[49] Frei Jorge de Carvalho, Sermam que pregou … em dia de Santa Ana […], pp. 9-17.

[50] Frei António dos Arcanjos, Sermão na Profissão da Madre Soror Brites da Madre de Deus […], pp. 7-9.

tinando-se igualmente a preservar a alma das religiosas face ao espírito do mundo, devendo permitir praticar e esperar a perfeição. Neste contexto, as leis da clausura constituem uma disciplina rigorosa e evoluíram ao longo dos tempos tendo-se tornado cada vez mais exigentes. Nos sermões estas realidades foram salientadas por todos os pregadores.

Alguns pregadores não esqueceram os elogios às ordens e às casas escolhidas pelas que deixavam o século. Assim, enquanto o beneditino frei Jorge de Carvalho considerou a escolha do Convento de Santa Ana, de Coimbra, como casa "discreta que as religiosas de Santa Ana, vivendo na casa da mãe de Nossa Senhora, satisfazem mais cuidadosas as obrigações de esposas de Cristo e ficam sendo mais de sua vontade neste santuário de merecimentos […] se a casa de Santa Ana é o lugar dos desposórios mais da vontade de Cristo […] podem mais que todas presumir as religiosas do mosteiro de Santa Ana que a vocação mais de gosto de Cristo é para este santuário de virtudes e para esta virtuosa casa de santidades, razão que moveu à nossa professa, para escolher este mosteiro entre todos para túmulo em que se enterre e para tálamo em que se despose"[51]; já o franciscano frei António dos Arcanjos pregou, acerca do convento do Salvador, de Évora: "neste convento do Salvador, assombro da maior modéstia, portento da maior clausura, sacrário da maior religião não há religiosa que veja nem há religiosa que seja vista e porque lhe faltam as vistas por isso não há ver-lhe faltas antes lhe sobejam as perfeições, porque lhe faltam as vistas, de qualidade que as suas nunca vistas perfeições consistem em nunca serem vistas, porque em não ver e em não ser vista consistem as nunca vistas perfeições de uma esposa de Deus"[52]. Não restam documentos das visitas dos superiores ao convento nesta época. Porém, durante o século XVIII, os abusos e as mundanidades das freiras nesta casa foram preocupantes[53].

O franciscano Manuel de São Plácido elogiou a regra de Santa Brígida[54], isto é, a que regulamentava a Ordem do Santíssimo Salvador, e considerou, acerca do convento de Nossa Senhora da Conceição, de Marvila, que as duas professantes haviam visitado vários conventos tendo optado pelo "mais reformado entre todos". Explicitando, em seguida que "o mesmo foi verdes que havíeis de servir como criadas, porque neste mosteiro não há criadas particulares que sirvam, que não havíeis de falar mais que a vossos

[51] Frei Jorge de Carvalho, Sermam que pregou … em dia de Santa Ana […], pp. 11-12.

[52] Frei António dos Arcanjos, Sermão na Profissão da Madre Soror Brites da Madre de Deus […], p. 12.

[53] A documentação, que tratámos, pode ser vista na Biblioteca Pública de Évora, Convento do Salvador de Évora, liv. 17 e liv. 111. Cf. Isabel Drumond Braga, "Enfermement et Resistance. Les Religieuses Portugaises du Sud et la Transgression au XVIII^{e} siècle, comunicação apresentada ao Colloque Rapports Hommes/Femmes dans l'Europe Moderne : Figures et Paradoxes de l'Enfermement, Montpellier, Université Paul-Valéry Montpellier III, 2012.

[54] Manuel de São Plácido, Sermam na Profissão de duas Irmãs […], p. 6.

pais e irmãos e que para todo o mais comércio do mundo se vos havia de coartar a liberdade, que o cambrai ou holanda que havíeis de trazer à raiz da carne, havia de ser uma estamenha áspera e grosseira, como ordena o mesmo Cristo no quarto capítulo da vossa regra"[55]. Por seu lado, o crúzio D. Luís da Ascensão, entendeu perorar, acerca da regra de São Bento: "Oh que entendida escolha pelo particular da religião!"[56] e considerou: "O sacramento é um retrato das religiões e assim como no sacramento se encerram todas as maravilhas, Memoriam fecit mirabilium suorum assim em qualquer religião se encerram todas as perfeições. Se lhe faltara alguma não fora perfeita religião, um homem se lhe falta uma virtude já não é virtuoso; uma religião se lhe falta alguma perfeição já não é perfeita, falo das perfeições que constituem, onde está a diferença é nas perfeições que aumentam e é nas cores que trazem, o que suposto, três são ordinariamente falando, os hábitos que vestem as religiosas, ou vestem hábito branco, ou vestem hábito pardo, ou vestem hábito negro. No hábito branco significam a castidade, primeira perfeição das religiosas; no hábito pardo significam a penitência, que é o exercício contínuo da religião; no hábito negro significam a mortalidade, que é a contemplação misteriosa do estado religioso. Pergunto agora qual destes estados, qual destes hábitos é mais perfeito? Eu não diminuo o crédito dos outros, mas digo que o mais perfeito hábito é o hábito da mortalidade"[57].

Quando se verificaram referências aos progenitores, também os mesmos foram vistos positivamente. Por exemplo, o beneditino frei Jorge de Carvalho fez notar que os pais de Soror Ana Maria tinham sido bons educadores, porque a tinham resguardado dos perigos do mundo: "nos pais da nossa professa, que na flor da sua mocidade esconderam aos olhos do mundo o tesouro da sua formosura, fazendo depósito dele, neste céu de religiosas, neste templo de Santa Ana"[58]. Por seu lado, o franciscano frei António dos Arcanjos, considerou que a "Fortuna é os filhos terem bons pais, assim como é dita nos pais o terem bons filhos. Esta religiosa [Brites da Madre de Deus] logrou a fortuna de ter pais de quem herdou o valor, de quem herdou o sangue, e de quem herdou a virtude. Mas não nos espinhemos nestas silvas, basta que Deus lhe colhesse as rosas, basta que se acolhessem rosas para Deus, ou basta pera seu crédito que oferecesse a Deus tão bela rosa. Que são rosas as flores das silvas, que são as silvas os troncos das rosas e se a fortuna deste espírito religioso consistiu em ter tais pais, se a sua fortuna consistiu em ter uma mãe que a ofereceu a Deus, o prémio desta fortuna consiste em consignar-lhe Deus por prémio sua mesma mãe"[59]. Finalmente, o dominica-

[55] Manuel de São Plácido, Sermam na Profissão de duas Irmãs […], pp. 21-22.

[56] D. Luís da Ascensão, Sermão na Profissão de uma Religiosa […], p. 17.

[57] D. Luís da Ascensão, Sermão na Profissão de uma Religiosa […], pp. 17-18.

[58] Frei Jorge de Carvalho, Sermam que pregou … em dia de Santa Ana […], p. 9.

[59] Frei António dos Arcanjos, Sermão na Profissão da Madre Soror Brites da Madre de Deus

no frei Luís Lamberto recordou a família de Inês de Mascarenhas e Gama, que professara com o nome de Inês de São José, salientando a nobreza da família de que era proveniente, bem como os honrosos feitos dos seus antepassados em Portugal e no Oriente[60].

4. A pregação ultrapassava a área espiritual e religiosa, havendo que distinguir as prédicas das acções missionárias, evangélicas e penitenciais destinadas a pessoas pouco catequizadas e analfabetas e a oratória culta, citadina, cortesã de carácter mais político, a qual estava muitas vezes a cargo do pregador régio, um profissional preparado para desempenhar tais funções[61]. Tenha-se em atenção que a repercussão das prédicas nos ouvintes e a crítica a esses mesmos ouvintes, sobretudo quando não prestavam atenção e se ocupavam em assuntos diversos durante a pregação, não foi menosprezada por autores como por exemplo António Vieira[62]. No século XVIII, estes comportamentos chegaram a ser objecto de ridicularização[63]. O sermão enquanto instrumento de utilidade catequética ou política era um importante meio de propaganda e de ataque, daí o interesse em ser publicado, uma vez que assim chegava também aos que o não tinham ouvido. O conteúdo dos sermões continuava, deste modo, a ser objecto de discussão por parte dos leitores cultos. A parenética era, nas palavras de Lina Bolzoni, um elemento da vida social[64] e um sucedâneo da educação doutrinal[65].

Não esqueçamos que o sermão integrou um dos mecanismos pedagógicos de disciplinamento social[66]. Na verdade, se tivermos em conta o po-

[…], pp. 22-23.

[60]Luís Lamberto, Sermam que pregou […], pp. 20-21.

[61]Sobre os diferentes tipos, Domenico Ambrasi, "Panegirici e Panegiristi a Napoli tra Seicento e Settecento", La Predicazione in Italia dopo il Concilio di Trento tra Cinquecento e Settecento, direcção de Giacomo Martina e Ugo Dovere, Roma, Edizioni Dehoniane, 1996, pp. 347-389; João Francisco Marques, "Oratória Sacra ou Parenética", Dicionário de História Religiosa […], pp. 470-510.

[62]Maria Lucília Gonçalves Pires, "Pregadores e Ouvintes nos Sermões de Vieira", Xadrez de Palavras. Estudos de Literatura Barroca, Lisboa, Cosmos, 1996, pp. 87-100.

[63]É exemplo, o texto de João Teodoro de Neras, Methodo Pratico com que as Senhoras Mulheres Assistem nos Templos, Principalmente no Tempo dos Sermoens o qual Jocosamente se expõem para Correcção de tão estranhos Abuzos, etc., Porto, Oficina de António Alves Ribeiro Guimarães, 1786.

[64]Lina Bolzoni, 1984, "Oratoria e Prediche", Letteratura Italiana, direcção de vol. 3 (La Forma del Testo: II. La Prosa), direcção de Alberto Asor Rosa, Turim, Einaudi, 1984, p. 1065.

[65]Claudia di Filippo, "Pastorale Tridentina ed Educazione degli Adulti nelle Zone Retiche e Ticinesi all'Epoca di Carlo Borromeo", La Comunicazione del Sacro (secoli IX-XVIII), direcção de Agostino Paravicini Bagliani e Antonio Rigoso, Roma, Herder, 2008, p. 337.

[66]Sobre este conceito, Winfried Schulze, "Il Concetto di 'Disciplinamento Sociale nella prima Età Moderna' in Gerhard Oestreich", Annali dell'Istituto Storico Ítalo-Germanico in Trento, vol. 18, Bolonha, 1992, pp. 371-411; Wolfgang Reinhard, "Disciplinamento Sociale, Confes-

sicionamento de Erminia Ardissimo, que defende a educação dos fiéis como o mais ambicioso projecto da Igreja após o Concílio de Trento, não poderemos estranhar que a pregação tenha assumido um papel relevante. Nela se depositaram esperanças de renovação da vida espiritual e, para tal objectivo ser atingido, recorreu-se aos instrumentos de persuasão clássicos, humanísticos e até os que eram produtos da nova cultura. A oratória permitiu, assim, dar ordem e certeza ao mundo e coerência ao dogma. Se exceptuarmos a confissão, era o único meio de ouvir a palavra de Deus em língua vulgar, consequentemente uma poderosa arma para a conquista da mente e uma importante via de formação da consciência e da espiritualidade dos fiéis[67].

A parénese produzida por ocasião das tomadas de hábito não destoou desta realidade. Mais do que exaltar as professas, de algumas nem o nome foi referido, o que se valorizou foi o acto de professar. Mas a ordem escolhida e a casa em concreto tiveram igualmente referências abonatórias, o mesmo acontecendo em relação aos nomes adoptados pelas freiras e pelas monjas. Finalmente, note-se que, se compararmos a profissão masculina[68] com a feminina, a segunda foi vista como mais difícil, pois a clausura constituía uma contrariedade suplementar[69]. O jesuíta Diogo Lobo tornou bem claro esse entendimento ao escrever: "o secular passeia, o religioso passa, a religiosa nem passa nem passeia, nem passa da porta nem passeia para a rua. Logo, em rigor, o religioso tem claustro passante e só a religiosa em rigor

sionalizzazione, Modernizzazione. Un Discurso Storiografico", Disciplina dell'Anina, Disciplina del Corpo e Disciplina della Società tra Medioevo ad Età Moderna, coordenação de Paolo Prodi e Carla Penuti, Bolonha, Società Editrice Il Mulino, 1994, pp. 101-123; Heinz Schilling, "Chiese Confessionali e Disciplinamento Sociale. Un Bilancio Provvisorio della Ricerca Storica", Disciplina dell'Anina, Disciplina del Corpo e Disciplina della Società tra Medioevo ad Età Moderna, coordenação de Paolo Prodi e Carla Penuti, Bolonha, Società Editrice Il Mulino, 1994, pp. 125-160; Idem, "L'Europa delle Chiese e delle Confessioni", La Radici Storiche dell' Europa. L'Età Moderna, direcção de Maria Antonietta Visceglia, Roma, Viella, 2007, pp. 69-81; Adriano Prosperi, "Riforma Cattolica, Contrariforma, Disciplinamento Sociale", L'Età Moderna, direcção de Gabriele De Rosa e Tulio Gregory, Roma, Bari, Laterza, 1994, pp. 3-48; Idem, Tribunali della Coscienza. Inquisitori, Confessori, Missionari, Turim, Einaudi, 1996; Federico Palomo, " 'Disciplina Christiana' Apuntes Historiográficos en torno a la Disciplina y el Disciplinamento Social como Categorias de la Historia Religiosa de la Alta Edad Moderna", Cuadernos de Historia Moderna, n.º 18, Madrid, 1997, pp. 119-136; Elena Brambilla, La Giustizia Intolerante. Inquisizione e Tribunali Confessionali in Europa (secoli IV-XVIII), Roma, Carocci Editore, 2006. No que se refere concretamente às mulheres, cf. María Luisa Candau Chacón, "Disciplinamiento Católico e Identidad de Género. Mujeres, Sensualidad y Penitencia en la España Moderna", Manuscrits, vol. 25, Madrid, 2007, pp. 21-237.

[67] Erminia Ardissimo, Il Barroco e il Sacro. La Predicazione del Teatino Paolo Aresi tra Letteratura, Immagini e Scienza, Cittá del Vaticano, Librería Editice Vaticana, 2001, pp. 10-17.

[68] A título de exemplo, o sermão de Manuel dos Reis, Sermam do Doutor Maximo S. Hieronymo pregado no Real Convento do Mato pelo Padre…Lisboa, Oficina de Manuel Manescal, 1700.

[69] Sobre a clausura, Gabriella Zarri, Francesca Medioli, Paola Vismara Chiappa, "De Monialibus (secoli XVI-XVII-XVIII)", Rivista di Storia e [...], pp. 663-665, 697.

tem claustro manente, porque ainda que o religioso tenha o mais do tempo manente também tem seus dias de passante, custam as licenças mas não se negam justas saídas. Porém, não ter toda a vida nem um dia de rua, nem uma hora de janela, nem um quarto de licença, isto não é pena passante é sepultura manente […] sem horror ao religioso sepulcro de um fechado claustro, sem horror a um sudário de um tapado véu, sem horror à mortalha de um grosseiro hábito, sem horror ao vigilante do coro, sem horror ao penitente do leite, sem horror ao pedinte do refeitório aliena a matéria de suas esperanças, desnaturaliza a Primavera de seus dias, amortalha a polícia de suas prendas e sepulta a memória das suas carícias"[70].

Em suma, o sermão relativo às entradas em religião por parte das mulheres, tal como aconteceu face aos homens, constituiu uma maneira de exaltar umaopção, de traçar uma imagem idílica – embora irreal – das casas religiosas e, consequentemente, de formar e doutrinar os fiéis, não se verificando quaisquer diferenças entre os pregadores de ordens diferentes. O discurso apresentado foi sempre similar. Finalmente, atente-se que o conteúdo bíblico destas como de outras peças parenéticas não foi dos mais significativos[71], tendo os pregadores optado, algumas vezes, por utilizar uma linguagem alegórica, com metáforas e imagens para fazer passar as suas ideias rápida e eficazmente.

Referências

ALGRANTI, Leila M. **Honradas e Devotas**: Mulheres da Colônia. Condição Feminina nos Conventos do Sudeste do Brasil 1750-1822. 2.ª edição. Rio de Janeiro: Livraria de José Plympio Editora, 1999.

ALMEIRDA, Suely C. C. de. **O Sexo Devoto**. Normatização e Resistência Feminina no Império Português XVI-XVIII. Recife, Editora da UFPE, 2005.

ALLEMANO, Romano. **Oratori Sacri del Seicento**. Antologia di Temi e di Motivi dell'Eloquenza Religiosa Barroca. Turim: Tesi di Laura in Litteratura Italiana, Università degli Studi di Torino, Facultà di Lettere e Filosofia, 1968, pp. 423-433.

AMBRASI, Domenico. «Panegirici e Panegiristi a Napoli tra Seicento e Settecento", **La Predicazione in Italia dopo il Concilio di Trento tra Cinquecento e Settecent.**Roma: Edizioni Dehoniane, 1996, pp. 347-389.

[70]Diogo Lobo, "Sermam na Profissam da Madre Soror Maria da Anunciaçam", Laurea Portugueza e Viridario de Varias Flores Evangelicas […], pp. 106-108.

[71]Sobre esta questão, Luigi Mezzadri e Paola Vismara, La Chiesa tra Rinascimento e Iluminismo, 2.ª edição, Roma, Città Nuova Editrice, 2010, p. 130.

ARCANJOS, Frei Antonio dos. **Sermão na Profissão da Madre Soror Brites da Madre de Deus,** filha de Fernão da Silva de Sousa e Meneses e de D. Guionar da Silva e Melo. Lisboa: Oficina de António Craesbeeck de Melo, 1664, pp. 9-10.

ARDISSIMO, Erminia. **Il Barroco e il Sacro.** La Predicazione del Teatino Paolo Aresi tra Letteratura, Immagini e Scienza. Città del Vaticano: Librería Editice Vaticana, 2001, pp. 10-17.

ASCENSÃO, D. Luís da. **Sermão na Profissão de uma Religiosa de S. Bento.** Coimbra: Oficina de José Pereira, 1672, p. 8.

BEAUVALET-BOUTOUYRIE, Scarlet. **Etre Veuve sous l'Ancien Régime.** Paris : Belin, 2001, p. 283.

BETHENCOURT, Francisco. **História das Inquisições**. Portugal, Espanha e Itália,.Lisboa, Temas e Debates, 1996, pp. 196-227.

BRAGA, Isabel M. R.M. D. Eloquência, Cativeiro e Glorificação. O Sermão de frei José de Santa Maria por ocasião do Resgate Geral de Cativos de 1655. In: DURAN, Maria Renata (org.) **Triunfos da Eloquência,** Niterói: Editora da UFF, 2012.

BRAGA, Isabel M. R.M. D. **Enfermement et Resistance**. Les Religieuses Portugaises du Sud et la Transgression au XVIII^{e} siècle, In: Colloque Rapports Hommes/Femmes dans l'Europe Moderne : Figures et Paradoxes de l'Enfermement. Montpellier : Université Paul-Valéry Montpellier III, 2012.

BRAGA, Isabel M. R.M. D. Vaidades nos Conventos Femininos ou das Dificuldades em deixar a Vida Mundana (séculos XVII-XVIII). **Revista de História da Sociedade e da Cultura**, vol. 10, tomo 1, Coimbra, 2010, pp. 305-322.

BRAGA, Isabel M. R.M. D., BRAGA, Paulo D. **Duas Rainhas em Tempo de Novos Equilíbrios Europeus.** Maria Francisca Isabel de Saboia. Maria Sofia Isabel de Neuburg. Lisboa: Círculo de Leitores, 2011.

BRAGA, Paulo D. **A Inquisição nos Açores**. Ponta Delgada: Instituto Cultural de Ponta Delgada, 1997, p. 327.

BRAMBILLA, Elena. **La Giustizia Intolerante**. Inquisizione e Tribunali Confessionali in Europa (secoli IV-XVIII). Roma: Carocci Editore, 2006.

BUNES, Maria J. R. Freiras no Brasil. In: **História das Mulheres no Brasil,** 3.ª edição, São Paulo, Contexto, 2000, pp. 483-490.

CAEIRO, Maria M. C. N. M. **Clarissas em Portugal**. A Província dos Algarves. Da Fundação à Extinção. Em busca de um Paradigma Religioso Feminino. Lisboa, 2006, pp. 343-355;

CAFFIERO, Marina. Legami Pericolosi. **Ebrei e Cristiani tra Eresia,** Libri Proibiti e Stregoneria. Turim: Einaudi, 2012, p. 193.

CARVALHO, Jerónimo R. S**ermam na Profissam de Soror Maria do Salvador pregou o Doutor…**, Coimbra: Impressora da Universidade, 1675, pp. 13-14.

CARAVALHO, Frei J. **Sermam que pregou…em dia de Santa Anna, professando Soror Ana Maria.** Esteve o Santíssimo Sacramento Manifesto. Coimbra: Tomé Carvalho, impressor da Universidade, 1672, p. 3.

CARVALHO, Frei Jorge. **Sermão que pregou o Padre Frei Jorge de Carvalho ... em dia de Santa Ana.** Coimbra, 1672.

CASTRO, Aníbal P**. Retórica e Teorização Literária em Portugal.** Do Humanismo ao Neoclassicismo. Coimbra: Centro de Estudos Românicos, 1973.

CHACÓN, Maria L. C.Disciplinamiento Católico e Identidad de Género. Mujeres, Sensualidad y Penitencia en la España Moderna. **Manuscrits**, vol. 25, Madrid, 2007, pp. 21-237.

CHIAPPA, Paola V.; MEDIOLI, Francesca; ZARRI, Gabriella. De Monialibus (secoli XVI-XVII-XVIII). **Rivista di Storia e Letteratura Religiosa,** vol. 34, Florença, 1998, pp. 643-715.

CERDAN, Francis. L'Oraison Funébre du Roi Phillipe II de Portugal (Philippe III d'Espagne) par Frei Baltasar Paez en 1621, **Arquivos do Centro Cultural Português,** vol. 31. Lisboa : Paris, 1992, pp. 151-170.

CONDE, Maria A. M. F. C. **Cister a Sul do Tejo**. O Mosteiro de São Bento de Cástris e a Congregação Autónoma de Alcobaça (1567-1776). Lisboa: Colibri, 2009.

EPIFANIA, Manuel. **Verdadeiro Methodo de Prégar**. Lisboa: Oficina de António Vicente da Silva, 1759, pp. 29-30.

FARIA, Maria I.; PERICÃO, Maria da G. **Dicionário do Livro**. Da Escrita ao Livro Electrónico. Coimbra: Almedina, 2008.

FERNANDES, Maria E. M. **O Mosteiro de Santa Clara do Porto em meados do século XVIII (1730-80).** Porto: Arquivo Histórico da Câmara Municipal do Porto, 1992.

FILIPPO, Claudia di. Pastorale Tridentina ed Educazione degli Adulti nelle Zone Retiche e Ticinesi all'Epoca di Carlo Borromeo. In: **La Comunicazione del Sacro (secoli IX-XVIII).** Roma: Herder, 2008, p. 337.

GLASER, Edward. Invitation to Intolerance. A Study of the Portuguese

Sermons Preached at Autos-da-Fé. **Hebrew Union College Annual,** vol. 27, Filadelfia, 1956, pp. 327-385.

GLASER, Edward. **Portuguese Sermons at Autos-da-Fé:** Introduction and Bibliography. Studies in Bibliography and Booklore, vol. 2, n.º 2, Cincinnati, 1955, pp. 53-96.

GOMES, Eduarda M. de S. **O Convento da Encarnação do Funchal.** Subsídios para a sua História (1660-1777). Funchal: Centro de Estudos de História do Atlântico, 1995.

GOMES, Saul G.; SOUSA Cristina M. A. de P. **Intimidade e Encanto.** O Mosteiro Cisterciense de Santa Maria de Cós (Alcobaça). Leiria: Edições Magno, 1998.

GRECO, Gaetano. Monasteri ed Esperienze Religiose Femminili nella Toscana Moderna. Problemi ed Ipotesi di Ricerca. In: **Nobildonne, Monache e Cavaliere dell'Ordine di Santo Stefano:** Modelli e Strategia Femminili nella Vita Publica della Toscana Granducale, Pisa: Edizione ETS, 2009, pp. 140-142.

GRINÉ, Eclides dos S. **A Construção da Imagem Pública do Rei e da Família Real em Tempo de Luto (1649-1709**). Coimbra, 1997.

LAMBERTO, Luís. **Sermam que pregou…da Ordem dos Pregadores na Profissão da Madre Soror Ignes de S. Joseph**, Religiosa no Mosteiro do Sacramento de Lisboa. Lisboa: Impressão de Bernardo da Costa de Carvalho, 1691, p. 7.

LAMBERTO, Luís. **Serman que pregou o P. Frey Luis Lamberto da Ordem dos Pregadores na Profissam da Madre Sor Ignes de S. Joseph,** Religiosa no Mosteiro do Sacramento de Lisboa. Lisboa, 1791.

LIROSI, Alessia. **I Monasteri Femminili a Roma nell'Età della Controriforma:** Insechiamenti Urbani e Reti di Potere (secc. XVI-XVII). Roma: Dottorato di Ricerca in Società, Politica e Culture del Medioevo all'Età Contemporanea, Università Roma-La Sapienza, 2010, pp. 426-433.

LÓPEZ-SALAZAR, Ana I. 'May de Lisboa e dos Portuguezes Todos'. Imágens de Reinas en el Portugal de los Felipes. In: **Las Relaciones Discretas entre las Monarquias Hispana y Portuguesa**: La Casa de Las Reinas (siglos XV-XIX), vol. 3. Madrid: Polifemo, 2008, pp. 1749-1776.

LAVEN, Mary. **Monache**. Vivere in Convento nell'Età della Controriforma, tradução de Federico Barbierato, Milão: Il Mulino, 2004.

LOBO, Diogo. **"Sermam na Profissam da Madre Soror Maria da Anunciaçam",** Laurea Portugueza e Viridario de Varias Flores Evangelicas planta-

do por alguns Insignes Oradores Portuguezes, consagrado à melhor Planta do Ceo e Flor de Lisboa, S. Antonio. Lisboa: Oficina de Miguel Deslandes, 1687, fol. 108.

LOUVOURA, Maria E. "O Suro do Livro Impresso", **Tesouros da Biblioteca Nacional. Lisboa:** Edições Inapa, 1992, pp. 204-205;

MARQUES, João F. Oratória Sacra ou Parenética. In: **Dicionário de História Religiosa de Portugal,** , vol. 4, Lisboa, 2001.

MENDONÇA, Pollyana G. **Parochos Imperfeitos:** Justiça Eclesiástica e Desvios do Clero no Maranhão Colonial. Niterói, 2011; pp. 283-291.

MAQUEDA, Consuelo. **El Auto de Fe,** Madrid. Istmo, 1992, pp. 368-374.

MEZZADRI, Luigi; VISMARA, Paola; **La Chiesa tra Rinascimento e Iluminismo,** 2.ª edição. Roma: Città Nuova Editrice, 2010, p. 130.

MARQUES, João F. **A Parenética Portuguesa e a Dominação Filipina.** Porto: Instituto Nacional de Investigação Científica, 1986.

_____. **A Parenética Portuguesa e a Restauração 1640-1668**.v 2. Porto: Instituto Nacional de Investigação Científica, 1989.

MENDES, Margarida V. A Oratória Barroca de Vieira. Lisboa: Caminho, 1989.

NERAS, João **T de. Methodo Pratico com que as Senhoras Mulheres Assistem nos Templos**, Principalmente no Tempo dos Sermoens o qual Jocosamente se expõem para Correcção de tão estranhos Abuzos, etc., Porto: Oficina de António Alves Ribeiro Guimarães, 1786.

PAIVA, José P. Baluartes da Fé e da Disciplina. **O Enlace entre a Inquisição e os Bispos em Portugal (1536-1750),** Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2011, pp. 129, 183, 203-213.

PAIVA, José P. Episcopado e Pregação no Portugal Moderno. Formas de Actuação e de Vigilância. **Via Spiritus**, vol. 16, 2009.

_____. **Padre António Vieira.** Bibliografia 1608-1891. Lisboa: Biblioteca Nacional, 2009.

PALOMO, Federico. **Fazer dos Campos Escolas Excelentes**. Os Jesuítas de Évora e as Missões do Interior em Portugal (1551-1630). Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, Fundação para a Ciência e Tecnologia, 2003.

_____. **A Contra-Reforma em Portugal. 1540-1700**, Lisboa: Livros Horizonte, 2006, p. 79.

PALOMBO, Irene. **Il Sistema dei Monasteri Femminili in una Terra di Confine.** La Diocesi di Sora, Aquino e Pontecorvo, Veneza, Dottorato di Ricerca in Storia Social Europea dal Medioevo all'Età Contemporanea, Università Ca'Foscari Venezia, 2009, p. 87.

PALUMBO, Genoveffa. **L'Uso delle Immagini**. Libri di Santi, Libri per Predicatori, Libretti di Dottrina dopo il Concilio di Trento. In: I Tempi del Concilio. Religione, Cultura e Società nell'Europa Tridentina. Roma: Bulzoni Editore, 1997, p. 359;

PETEY-GIRARD, Bruno. **Parler des Morts, Parler de Soi.** Remarques sur la Place du Sujet dans les Harangues Funèbres. In: De Bonne Vie s'Ensuit Bonne Mort. Récits de Mort, Récits de Vie en Europe (XV^{e}- XVII^{e} siècle). Paris : Honoré Champion, 2006, pp. 169-182 ;

PIRES, Maria L. G. Pregadores e Ouvintes nos Sermões de Vieira. In: **Xadrez de Palavras**. Estudos de Literatura Barroca. Lisboa: Cosmos, 1996, pp. 87-100.

PIRES, Maria L. G. Sermões de Auto-da-Fé. Evolução de Códigos Parenéticos. **Inquisição**, vol. 1, Lisboa: Universitária Editora, 1989, pp. 267-276.

PONTES, Maria de L. B. A Oratória Sacra em Portugal no século XVII. Coimbra : **Arquivo de Bibliografia Portuguesa**, n.º 23/24, Julho-Dezembro de 1960.

PONTES, Maria de L. B. **Frei António das Chagas**. Um Homem e um Estilo do século XVII. Lisboa: Centro de Estudos Filológicos, 1953.

PROSPERI, Adriano. **Tribunali della Coscienza**. Inquisitori, Confessori, Missionari. Turim: Einaudi, 1996;

PROSPERI, Adriano. Riforma Cattolica, Contrariforma, Disciplinamento Sociale". In: **L'Età Moderna**. Roma: Bari, Laterza, 1994, pp. 3-48.

REIS, Manuel dos. **Sermam do Doutor Maximo S. Hieronymo pregado no Real Convento do Mato pelo Padre…**Lisboa: Oficina de Manuel Manescal, 1700.

ROMEO, Giovanni. Predicazione e Inquisizione in Italia dal Concilio di Trento alla prima meta del Seicento. In: **La Predicazione in Italia dopo il Concilio di Trento tra Cinquecento e Settecento**, Roma: Edizioni Dehoniane, 1996, pp. 207-242.

SANTOS, Patrícia F. dos. **Poder e Palavra**: Discursos, Contendas e Direito de Padroado em Mariana (1748-1764). São Paulo, 2007, pp. 160-172;

SÃO PLÁCIDO, Manuel. **Sermam na Profissão de duas Irmãs que vieram da Cidade da Bahia tomar o Habito de Religiosas neste Reyno de**

Portugal. Lisboa: Oficina de Manuel Lopes Ferreira, 1699.

SCHILLING, Heinz. Chiese Confessionali e Disciplinamento Sociale. Un Bilancio Provvisorio della Ricerca Storica In: **Disciplina dell'Anina,** Disciplina del Corpo e Disciplina della Società tra Medioevo ad Età Moderna, coordenação de Paolo Prodi e Carla Penuti, Bolonha, Società Editrice Il Mulino, 1994, pp. 125-160.

SCHILLING, Heinz. L'Europa delle Chiese e delle Confessioni. In: **La Radici Storiche dell' Europa.** L'Età Moderna. Roma: Viella, 2007, pp. 69-81.

SCHULZE, Winfried. Il Concetto di 'Disciplinamento Sociale nella prima Età Moderna' in Gerhard Oestreich. In: **Annali dell'Istituto Storico Ítalo-Germanico in Trento**, vol. 18, Bolonha, 1992, pp. 371-411

SHAMI, Jeanne. **Women and Sermons**. Oxford : Oxford University Press, 2011, pp. 155-177.

SILVA, Ricardo M. A. **Casar com Deus.** Vivências Religiosas e Espirituais Femininas na Braga Moderna. Braga, 2011.

SILVA, Maria B. N. Conventos Femininos. In: **Dicionário da História da Colonização Portuguesa no Brasil.** Lisboa: Verbo, 1994, cols 213-215;

TRONI. Joana P. De A. Para o Estudo da Parenética Anti-Judaica: o Sermão do Auto da Fé de frei Filipe Moreira (Lisboa, 25 de Junho de 1645). **Olisipo**, 2.ª série, n.º 26, Lisboa, 2007, pp. 7-13.

Recebido em 18/07/2013, aceito em 29/08/2013

Resenha